

GALERIA VERA CORTÊS

Nuno da Luz Poetry as an echological survival



22 – 29 Junho 2019

22 – 29 June 2019

«Poetry as an ecological survival» é uma citação retirada *verbatim et literatim* do texto «Nota solta sobre o possível “valor” das obras de arte, para o futuro», do artista e escritor Álvaro Lapa (incluída em *Raso como o chão*, 1977) que, por sua vez, cita – deturpando ligeiramente – o título do ensaio «Poetry and the Primitive: Notes on Poetry as an Ecological Survival Technique», do poeta e ambientalista norte-americano Gary Snyder (incluído em *Earth House Hold*, 1969).

O *h* extra, inserido no «ecological» original, contrai e alarga simultaneamente «eco-» (do grego *oikos*, «casa») e «eco» (do grego *ēchos*, «som»), num desvio poético no qual «casa» e «som» perfazem um mesmo movimento dúplice, entrosados por um *h* mudo. Esta dupla acepção de ecologia e ecoar como *uma e a mesma coisa* possibilita-nos repensar certos fenómenos acústicos, como reverberação e ressonância, enquanto processos ambientais e sociais, intimamente relacionados e constituindo-se mutuamente. Permite-nos entender os nossos modos de escuta – como localizamos, sentimos e somos afectados por vibrações sonoras – enquanto «geografias perceptivas» (cfr. o uso paralelo deste termo na Maryanne Amacher, «Composting Perceptual Geographies»).

Patente durante uma única semana, esta é uma exposição-começo: um momento especulativo sobre como este movimento dúplice, eco- e echo-lógico, pode ser uma ferramenta operativa para nos situarmos – e à nossa envolvente – em relações de reciprocidade e cooperação mútuas. O espaço circunscrito da galeria reverbera em sintonia com frequências extremamente próximas ou longínquas: as marés estimadas para o Porto de Lisboa iluminam o espaço; a agitação marítima sentida ao largo da Nazaré é amplificada através de gongos de vento, activados por altifalantes de contacto; e a cartografia do ruído do corredor de aproximação ao Aeroporto de Lisboa – com um trânsito actual de dois minutos entre descolagens e aterragens – ressoa pelas paredes da galeria, situada no bairro de Alvalade a poucos metros do Aeroporto.

Estas «partidas e chegadas de qualquer lugar a qualquer hora, para qualquer lugar a qualquer hora»¹ são acompanhadas pelo chilrear de periquitos-monge *Myiopsitta monachus*. Espécie exótica originária da América do Sul, foram trazidos em cativeiro para a Europa seguindo as rotas de exploração e expropriação globais; e espelhando as relações de subserviência forçada e resistência necessária para todos os sujeitos colonizados. Fugitivos ou libertos, produziram novos habitats adaptando-se a cidades europeias de clima temperado ou mediterrânico, com o

canto estridente destes periquitos a perpassar diversos espaços verdes de Lisboa, desde há algumas décadas.

Gravações efectuadas no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (antigo hospital Júlio de Matos), Parque da Bela Vista e Quinta das Conchas, zonas directamente sobrevoadas ou limítrofes ao corredor aéreo do Aeroporto de Lisboa, afectadas por níveis de pressão acústica de mais de 70dB, a cada 120 segundos em média.

A inauguração teve lugar na sexta-feira 21 de Junho, Solstício de Verão. As portas abriram logo após o ocaso do sol às 21h33. Com o cair da noite às 22h13, teve início uma imersão sonora para 2 gongos suspensos, para celebrar a passagem do dia mais longo e dar lugar à noite mais curta do ano. Com a participação de Diana Policarpo.

Segunda iteração de um projecto desenvolvido com o apoio da Escola das Artes – Universidade Católica, Porto. Na primeira apresentação em Março–Abril 2019, a envolvente da Foz do Douro foi devolvida ao Campus da UCP, onde se situa a Escola, a pouco mais de 500m do Atlântico. Pesquisa levada a cabo durante o final de 2018, em residência na Escola das Artes, no âmbito do programa InResidence, promovido pela Câmara Municipal do Porto.

Dados de maré e agitação marítima gentilmente cedidos pelo Instituto Hidrográfico da Marinha Portuguesa.

Gratidão ao Nuno Crespo, João Covita, José Vasco Carvalho e à Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – Porto, Cmd. Teotónio Pires Barroqueiro e ao Instituto Hidrográfico – Marinha Portuguesa, Diana Policarpo, Joana Escoval, Ricardo da Luz e Paula Pereira, e especialmente à Ana Vaz por me dar a ver tanto, incluindo o *ecological* do Álvaro Lapa, junto ao bengaleiro de Serralves.

¹ John Cage «Composition as Process – Part II: Indeterminacy» in *Silence: Lectures and Writings* (Middletown, Conn.: Wesleyan University Press), 1961. Traduzido do inglês.

‘Poetry as an echological survival’ is a quote taken *verbatim et literatim* from the text ‘Nota solta sobre o possível “valor” das obras de arte, para o futuro’ by Portuguese artist and writer Álvaro Lapa (included in *Raso como o Chão*, 1977); itself, a (slight mis) quote of ‘Poetry and the Primitive: Notes on Poetry as an Ecological Survival Technique’, the title of an essay by North American poet and environmentalist Gary Snyder (included in *Earth House Hold*, 1969).

The extra *h*, inserted in the original ‘ecological’, simultaneously contracts and expands ‘eco-’ (from the Greek *oikos*, ‘house’) and ‘echo’ (from the Greek *ēchos*, ‘sound’), in a poetic turn conflating ‘house’ and ‘sound’ in a two-fold movement, intertwined by a soundless *h*. This dual assessment of ecology and echo as *one and the same thing* allows us to rethink certain acoustic phenomena such as reverberation and resonance as environmental and social processes; closely related and constructing each other mutually. It allows us to understand our ways of listening – how we locate, sense and feel sonic events – as ‘perceptual geographies’. (cf. the parallel use of this term in Maryanne Amacher, ‘Composting Perceptual Geographies’).

Open to the public for one week only, this is an exhibition-as-event: a speculative moment on how this two-fold movement, eco- and echo-logical, can be an operative tool to situate ourselves – and our environment – in mutual relations of reciprocity and cooperation. The enclosed gallery space reverberates according to frequencies at very close range or extremely far: the estimated tides for the Lisbon Port illuminate the space; wave turbulence off the coast of Nazaré vibrates through wind gongs, activated by contact speakers; and the noise map for Lisbon’s Airport approach corridor – with a current two-minute window between take-offs and landings – resounds around the gallery walls, situated in the neighbourhood of Alvalade, close to the airport.

These ‘departures and arrivals from no matter what point at no matter what time, to no matter what point at no matter what time’¹ are accompanied by the chirping of monk parakeets *Myiopsitta monachus*. An exotic species originally endemic to South America, it was brought to Europe in captivity, following the globalized routes of exploitation and expropriation; mirroring the relations of enforced subservience and necessary resistance for all colonized subjects. Escaped or released, the parakeets produced new habitats, adapting to European cities both in temperate or Mediterranean climates. For decades now, the parakeet’s shrill song has filled the soundscape of several of Lisbon’s public parks.

¹ John Cage ‘Composition as Process – Part II: Indeterminacy’ in *Silence: Lectures and Writings* (Middletown, Conn.: Wesleyan University Press), 1961.

Recordings done at Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (previously Júlio de Matos Hospital), Parque da Bela Vista, and Quinta das Conchas; areas either lying directly under or adjacent to the airport approach corridor, and hence affected by sound pressure levels of over 70dB every 120 seconds on average.

Opening took place Friday June 21, Summer Solstice. Doors opened right after dusk at 9.33pm. In this evening, night set at 10.13pm and a sonic immersion for two suspended gongs accompanied the celebration of the end of the longest day, ushering the shortest night of the year. With the participation of Diana Policarpo.

Second iteration of a project developed with the support of Escola das Artes – Universidade Católica, Porto. In its first guise, in March–April 2019, the surroundings of the Douro river’s mouth were fed back into the UCP Campus, located around 500m away from the Atlantic. Research conducted in residency at Escola das Artes in the end of 2018, within the framework of InResidence, a programme initiated by Porto’s Municipality.

Tide charts and wave turbulence data courtesy of Instituto Hidrográfico – Portuguese Navy.

Gratitude to Nuno Crespo, João Covita, José Vasco Carvalho and the Escola das Artes of Universidade Católica Portuguesa – Porto, Cmd. Teotónio Pires Barroqueiro and the Instituto Hidrográfico – Marinha Portuguesa, Diana Policarpo, Joana Escoval, Ricardo da Luz and Paula Pereira, and especially to Ana Vaz for making me see so much, including the Álvaro Lapa’s *echological* by the cloakroom at Serralves.

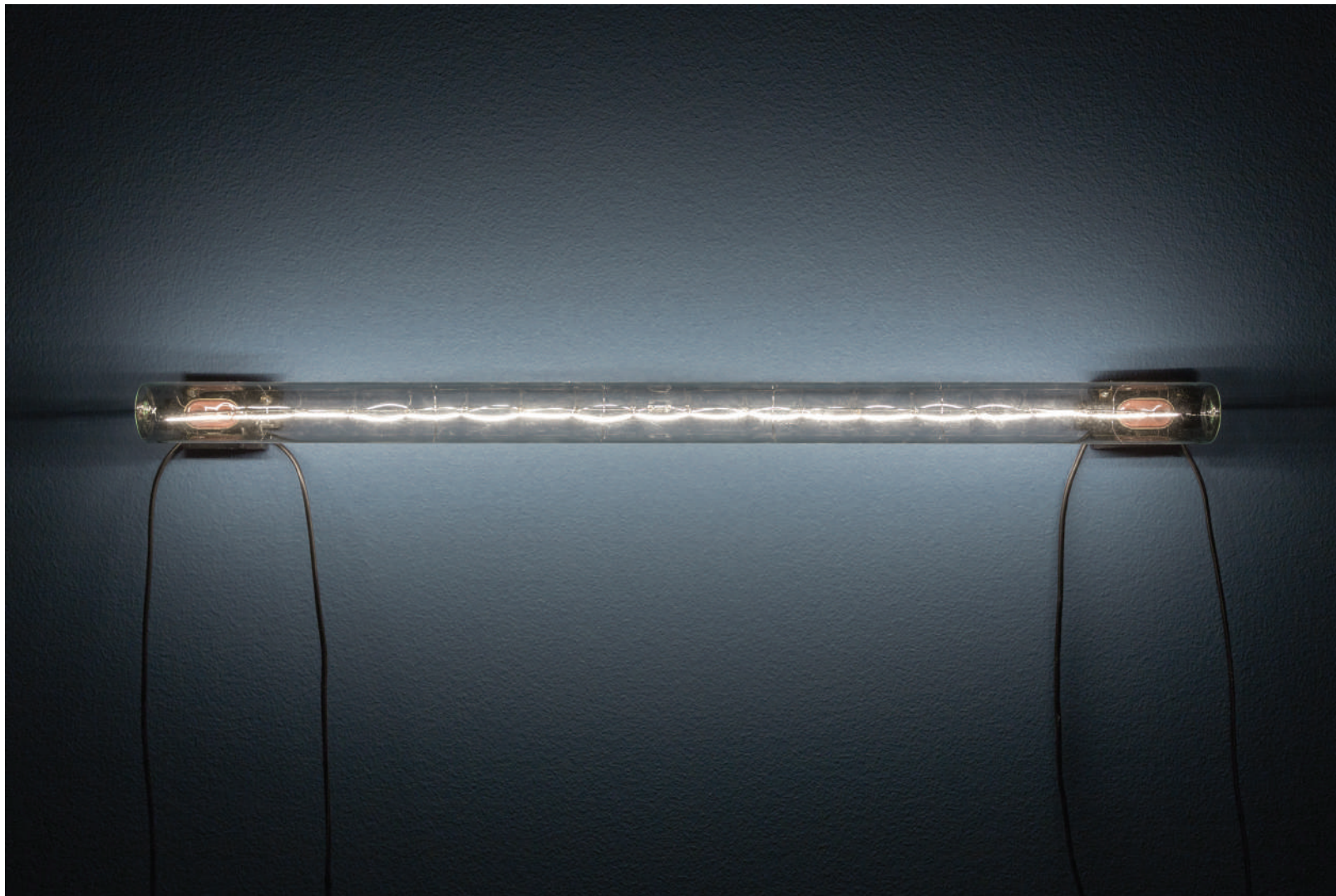




*Departures and arrivals from no matter what point
at no matter what time, to no matter what point at no
matter what time, 2019*

Aviões e periquitos-monge gravados no Centro
Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa e na Quinta das
Conchas.
Sistema de som quadrifónico, cabos, placa de som
multicanal, som.
60' (loop), dimensões variáveis.
Única

Airplanes and monk parakeets recorded at the
Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa and at
Quinta das Conchas.
4-channel speaker system, cables, multichannel
soundcard, sound.
60' (loop), dimensions variable.
Unique



Marégrafo (Porto de Lisboa), 2019
Mareograph (Lisbon Port), 2019

Modulação de lâmpadas por meio de dados de altura de maré prevista, em escala temporal real, com 6:12'30" entre preia-mar e baixa-mar.
Lâmpadas lineares, suportes S14D, cabo eléctrico, dimmer DMX, conversor USB para DMX, computador.
Duração e dimensões variáveis.
Única

Light modulated by estimated tide height data, in real-time scale with 6:12'30" between high and low tide.
Linear light fixtures, S14D lamp holders, electrical cables, DMX dimmer, USB to DMX converter, computer.
Dimensions and duration variable.
Unique.



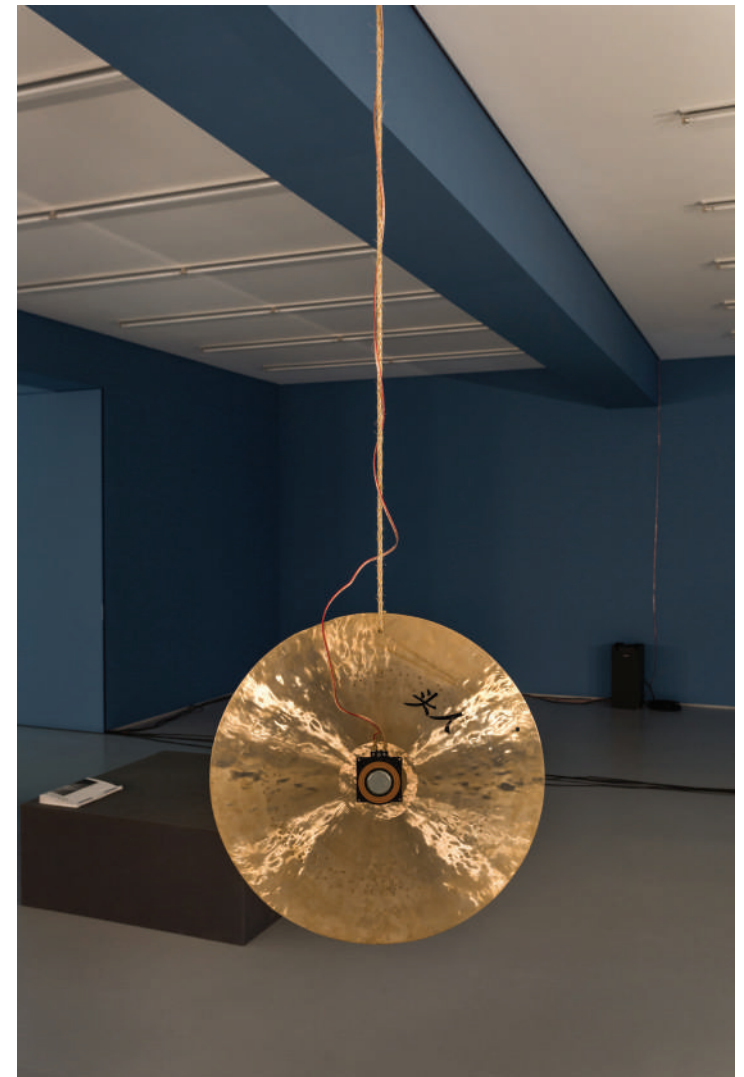
Turbulência sobre chapa fina – bóia costeira da Nazaré, 2019
Wave Turbulence on Thin Plate – Nazaré Coastal Buoy, 2019

Gongo de vento a vibrar de acordo com dados de agitação marítima registados pela bóia costeira da Nazaré entre Janeiro e Dezembro 2018, comprimidos em 60 minutos.
 Gongo, corda de sisal, altifalante de contacto, cabo de altifalante, amplificador, som.
 60' (loop), dimensões variáveis.
 Única

Turbulência sobre chapa fina – bóia costeira da Nazaré, 2019
Wave Turbulence on Thin Plate – Nazaré Coastal Buoy, 2019

Gongo de vento a vibrar de acordo com dados da agitação marítima registados pela bóia costeira da Nazaré entre Janeiro e Dezembro 2018, comprimidos em 60 minutos.
 Gongo, corda de sisal, altifalante de contacto, cabo de altifalante, amplificador, som.
 60' (loop), dimensões variáveis.
 Única

Wind gong vibrating according to ocean wave turbulence gathered by the Nazaré coastal buoy between January and December 2018, and compressed into 60 minutes.
 Gong, sisal rope, contact speaker, loudspeaker cable, amplifier, sound.
 60' (loop), dimensions variable.
 Unique



Wind gong vibrating according to ocean wave turbulence gathered by the Nazaré ocean buoy between January and December 2018, and compressed into 60 minutes.
 Gong, sisal rope, contact speaker, loudspeaker cable, amplifier, sound.
 60' (loop), dimensions variable.
 Unique





Nuno da Luz (Lisboa, 1984) vive e trabalha em Lisboa.

Artista e publicador, o seu trabalho circunscreve tanto o auditivo como o visual na forma de eventos sonoros, instalações e material impresso; estes últimos na sua maioria distribuídos pela publicadora ATLAS Projectos.

Em 2015, terminou o programa de mestrado Experimentação em Arte e Política SPEAP em Sciences Po, Paris e fundou o colectivo pluridisciplinar COYOTE, que investiga novas formas de comum-ificação (criar comunidade) via publicações, filmes, conferências e outros formatos experimentais. Durante o ano de 2019, o colectivo participa na 9a Bienal Contour, Mechelen, Bélgica.

Desde 2014, tem desenvolvido a série de performances ao vivo “com Ressonância Assistida” em Lisboa, Santander, Madrid, Ficarra (Itália), Paris, Nova Iorque, Porto e Berlim.

Exposições individuais incluem “Poetry as an echological survival”, Escola das Artes UCP (Porto, 2019), “RWSNK ECHOS”, Kunstraum Botschaft, (Berlim, 2017), “Sud e Magia”, Syntax (Lisboa, 2016), “Wilderness”, Galeria Vera Cortês (Lisboa, 2015), “Song Cycle”, Solar (Vila do Conde, 2013) “laissez vibrer”, enblanco projektraum (Berlim, 2013) e cave/Solar (Vila do Conde, 2013), e “O nosso silêncio é um aviso, o nosso silêncio é sólido”, Vera Cortês Art Agency (Lisboa, 2012).

Exposições colectivas mais recentes incluem, entre outras, “frecuencia singular plural”, CentroCentro, Madrid (2019), “UNDER WATER” Filatoio di Caraglio, Turim (2019), “Ponto de Fuga: Obras da Coleção Cachola”, curadoria de João Laia, Cordoaria Nacional, Lisboa (2019) “Movimento Continuo”, Hangar, Lisboa, Portugal (2017), e “Itinerarios XXII: renderizando la realidad”, curadoria de Benjamin Weil, Fundación Botín, Santander, Espanha (2016).

Em colaboração com a cineasta Ana Vaz, têm vindo a desenvolver a banda sonora para o seu próximo filme via a série de rádio “The Voyage Out Radio Series: 2022 & 2222”, com episódios transmitidos na NTS Radio, R22 tout-monde, e Jeu de Paume espace virtuel; e nas exposições “The Voyage Out: Mediums” (Centre d’art Ange Leccia, Oletta, 2018) e “The Voyage Out” (Lux Moving Image, Londres, 2018).

Em colaboração com a artista Joana Escoval, acabam de editar o álbum “Beasts of Gravity”, em duplo LP pela Vinyl Factory, Londres.

Nuno da Luz
Lisbon, 1984

Nuno da Luz (Lisbon, 1984) lives and works in Lisbon.

Artist and publisher, his work circumscribes both aural and visual in the form of events, installations and printed matter; the latter mostly distributed through the publisher ATLAS Projectos.

In 2015, he completed the Master Program of Experimentation in Art and Politics SPEAP at Sciences Po, Paris, and founded COYOTE, a cross-cutting collective working on print, film, lectures and other experimental forms. They are currently participating, throughout 2019, in the 9th Contour Biennale, Mechelen, Belgium.

Since 2014, he has performed live “with Assisted Resonance” in Lisbon, Santander, Madrid, Ficarra (Italy), Paris, New York, Porto and Berlin.

Individual exhibitions include “Poetry as an echological survival”, Escola das Artes UCP (Porto, 2019), “RWSNK ECHOS”, Kunstraum Botschaft, (Berlin, 2017), “Sud e Magia”, Syntax (Lisbon, 2016), “Wilderness”, Galeria Vera Cortês (Lisbon, 2015), “Song Cycle”, Solar (Vila do Conde, 2013), “laissez vibrer”, enblanco projektraum (Berlin, 2013) and cave/Solar (Vila do Conde, 2013); and “O nosso silêncio é um aviso, o nosso silêncio é sólido”, Vera Cortês Art Agency (Lisbon, 2012).

Recent group shows include “frecuencia singular plural”, CentroCentro, Madrid (2019), “UNDER WATER” Filatoio di Caraglio, Turin (2019), “Ponto de Fuga: Obras da Coleção Cachola”, curated by João Laia, Cordoaria Nacional, Lisbon (2019) “Movimento Continuo”, Hangar, Lisbon (2017), and “Itinerarios XXII: renderizando la realidad”, curated by Benjamin Weil, Fundación Botín, Santander (2016), among others.

Alongside the filmmaker Ana Vaz, he has been developing the soundtrack for her upcoming feature filme, via the “The Voyage Out Radio Series: 2022 & 2222”, with episodes broadcast over NTS Radio, R22 tout-monde, and Jeu de Paume espace virtuel; as well as in her exhibitions “The Voyage Out: Mediums” (Centre d’art Ange Leccia, Oletta, 2018) and “The Voyage Out” (Lux Moving Image, Londres, 2018).

In collaboration with the artist Joana Escoval, they have just edited the album “Beasts of Gravity”, a double LP released by Vinyl Factory, London.

GALERIA VERA CORTÊS